Ano 28.º | Sábado, 16 de Novembro de 1935 | N.º 1397

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

O problema das águas potáveis em Aveiro sob o ponto de vista geológico

pelo Dr. ALBERTO SOUTO

II

Num raio de cinco quilómetros a partir da cidade só poderiamos obter as águas meteóricas, por meio de cisternas de recolha directa das chuvas, ou águas telúricas, explorando-as nas camadas superiores ou nas profundas, pois devemos pôr inteiramente de parte as levadas que acompanham o talvog dos vales que desembocam na Ria e cortam a planura aveirense.

E devemos pôr de parte a hipótese de aproveitamento das levadas, como o sr. engenheiro Teixeira Duarte fez, porque essas levadas quási que têm secado no verão e porque seria impraticável expropriar ou inutilizar as numerosas azenhas e propriedades que as utilizam.

Gustavo Ferreira Pinto Basto pensou em dotar Aveiro com água de uma ou duas dessas valas, e desistiu do intento. Sou hoje das raras pessoas que conheceram êsse plano do que foi um ilustre presidente do nosso município nos últimos anos da monarquia porque me recordo bem do alvoroço que tal ideia produziu nos proprietários rurais das imediações das valas que desaguam no Lila e Azenha da Ponte de Pau, do vale de Arada.

As cisternas não são soluções modernas, mas poderiam servir para formar reservas domésticas e uma reserva pública não desprezavel.

Se tomarmos como base uma precepitação atmosfêrica de 1000 m/m media anual e calculando em 300^{m} o lado do quadrilátero de superfície útil de recôlha da chuva, poderíamos conseguir uma reserva teórica de 90.000^{m3} que praticamente não daria 80.000^{m3} de líquido. Suponhâmos, contudo, que se podiam obter 70.000^{m3}. Era talvez o bastante para abastecer a cidade durante os três mêses de maior estiagem, somando-se essa água com o débito normal dos mananciais existentes e a explorar. As dificuldades práticas da execução dêste projecto e o custo das caleiras, canos de recolha e condução e das cisternas seriam muito grandes. Não sei, contudo, se a hipótese será de considerar em face da gravidade do problema, e se, em último recurso, se terá de lançar mão dêste anacrónico expediente. Os técnicos o dirão.

E já que falei no aproveitamento das chuvas por meio de cisternas, falarei das águas meteóricas antes de passar ao estudo das condições das águas telúricas cuja jazida e possibilidade de captagem são o principal objecto dêste modesto estudo, fundamentalmente geológico. Devo avisar desde já os leitores de que, tirante a hipótese dos poços artesianos que iriam buscar água às camadas profundas da terra, muito para lá dos 100 metros, a única orígem da água telúrica na zona dos 5 quilómetros à volta de Aveiro, diremos mesmo no círculo dos 10 quilómetros, excluindo a hipótese do aproveitamento da do rio Vouga, é a precepitação atmosférica, isto é, a chuva.

Desde que temos no sub-solo da região uma camada impermeável mais ou menos horisontal como é a das argilas, margas e calcáreos margosos do mezozoico, devemos saber que a água não póde juntar-se à superfície dessa camada impermeável se não por via da chuva. A água não vem de baixo para cima; vai de cima para baixo e não há outra nêste caso. O solo fórma assim uma grande cisterna natural que recolhe parcialmente a precepitação atmosférica. Para haver água de outra orígem teríamos de admitir três hipóteses: a da infiltração em camadas permeáveis proveniente de uma bacia de depósito de água dôce como seriam um lago próximo ou ramificações fluviais; a de uma circulação subterrânea devida a enrugamentos ou alterações tectónicas; a de descarga de águas nascidas em montanhas próximas; a do desgêlo.

Ora como nenhuma destas hipóteses se verifica na região aveirense, a terra que nos circunda e nos suporta, só póde devolver-nos, nos poços e nascentes, aquela parte da precipitação atmosférica recebida que sobejar ao processo natural da escorrência, da evaporação, da alimentação das plantas, da retenção pelas camadas geológicas e das combinações químicas.

Da chuva caída na zona terrestre da nossa região, parte corre imediatamente para o grande reservatório que são a ria e o mar, parte é recebida directamente nas baixas alagadiças e nos vales a um nível inferior ao da argila, o que a torna inaproveitável, e parte, atravessando as camadas arenáceas que recobrem as argilas, vai alimentar o lençol aqüífero donde brotam as nascentes das fontes e dos poços.

O fenómeno da chuva oferece, por seu turno, um mecanismo complexo. Este meteoro não tem em todo o globo, nem mesmo em todo o nosso país uma freqüência e uma intensidade regulares.

A chuva é devida á condensação do vapor de água espalhado na atmosfera. O ar carrega-se dêsse vapor de água, principalmente sôbre os mares tropicais. E' depois arrastado pelas correntes atmosféricas para as zonas de elevada latitude, aproximando-se dos pólos, ou então é obrigado a elevar-se pela presença das montanhas. Em qualquer caso, diz Lapparent, sofre um resfriamento mais ou menos notável e como a quantidade de vapor que póde existir no ar depende da temperatura, todo o vapor de água que num dado momento ultrapassa o máximo admissível tem de se precepitar sob a fórma de chuva ou de nevoeiro se o ar está acima de zero ou sob a fórma de neve e granizo se está abaixo de zero.

A intensidade da chuva, isto é, a pluviosidade, á essencialmente variável conforme as regiões e os climas. Em média caem na Europa, por ano, 575 milímetros de água nas planícies e 1.300 milímetros nas regiões montanhosas.

A queda de chuva eleva-se a 2 metros no norte da Europa, ao longo da costa da Noruega e na serra da Estrela, e produz 15 metros de água por ano na Asia, no flanco meridional da gigantesca cordilheira do Himalaia.

Encontrando as montanhas, o ar eleva-se e dilata-se, o que o faz perder uma grande quantidade de calórico, fenómeno êsse que provoca uma condensação de vapor e portanto uma precepitação rápida. Em Portugal a região de maior pluviosidade é a da Serra da Estrela que na sua parte central e mais elevada recolhe uma média anual de 2.610 milímetros e de 1.343 milímetros na zona periférica do macisso.

O alto Minho, em cujas montanhas se condensa a humidade arrastada pelos ventos do mar, atinge 1278 milimetros que se elevam a perto de 1400 nas cercanias da serra do Gerez, vindo a linha dos 1250 milimetros por leste do Pôrto até ao norte da ria de Aveiro.

Apezar da falta de observações meteorológicas ao sul de Aveiro, sabemos que nos encontramos entre a zona dos 1250 milimetros do norte e a de 895 a 900 a sul, que corresponde às observações de Coimbra. O Ribatejo anda pelos 750 mi imetros, o Alentejo pelos 600, o Algarve pelos 500 milimetros.

Também não disponho de observações pluviométricas feitas na cidade, mas penso que Aveiro deve gosar, nos ciclos de anos de chuvas regulares, de 1.000 milimetros de média por ano. Mas durante os mêses de junho a agosto, a região aveirense não recebe mais que 90 milimetros de água das chuvas, nos anos regulares, o que ê pouquissimo. Um correctivo importante é preciso fazer ainda a êste recurso essencial de origem atmosférica: é o da evaporação, que no Minho sobe de 700 milimetros anuais para 1250 e que em Aveiro deve andar também à roda de 1250, atingindo 2000 no sul do país. Felizmente que a terra, absorvendo e ocultando a água da chuva, não deixa que a evaporação no-la leve toda. Mas a grande evaporação a que está sugeita a terra aveirense pela sua exposição, o esgôto por escorrência imediata, os vales e as zonas alagadas e baixas, roubam aos planaltos uma quantidade enorme da água da precepitação atmosférica que se efectua sôbre o nordeste, nascente e sul da cidade.

Para poente da linha de arribas de 10 quilómetros de extensão que vai de Ilhavo a Aveiro e Vilarinho de Cacia, toda a água da chuva — muitos milhares de metros cúbicos! — se perde sôbre o aparelho lagunar. A humidade proveniente da proximidade da Ria e do oceano, não compensa a grande perda de água da chuva que Aveiro sofre com o corte das suas terras pela excavação da laguna.

Esta disposição geográfica combinada com a caracteristica climatérica que puz em relêvo, é, portanto, prejudicial à reserva de águas telúricas e explica a deficiência clássica nos mêses estivais.

Veremos agora, em detalhe, as particularidades geológicas e topográficas das terras emersas do mezozoico.

E' o estudo da mezopotamia entre a Ria e o baixo curso do Vouga a juzante de Eirol, em cujo flanco ocidental demora Aveiro, donde se concluirá o meu pèssimismo quanto à possibilidade de se obterem aí águas bastantes, mesmo que seja por poços artesianos.

A caminho do céu...

—o—

Os capitães norte-americanos Stevens e Amudsen efectuaram no dia 11 o seu terceiro vôo á estratosfera, tendo atingido 74.787 pés de altura, o que constitue um *record* mundial.

Mais de tres horas levaram a descer, trazendo da arriscada viagem preciosos elementos de natureza cientifica para os estudos encetados sôbre a vida a tão elevada distância da terra. Mas por este andar e com as comunicações continuas feitas atravez o espaço, aonde iremos nós ter?

Respondam os anjos, se são capazes...

Um denunciante é o peor dos homens.

(Conclusão tirada pelo *grande panfletário* e *eminente jornalista.*)

Ponte Salazar

—o—

Na foz do Dão e para servir os concelhos de Santa Comba e de Penacova, dos distritos de Viseu e Coímbra, foi no domingo solenemente inaugurada uma ponte com o nome do chefe do Govêrno e que é uma grandiosa obra de engenharia moderna há muitas dezenas de anos reclamada pelos povos da região. A festa atingiu, por isso, extraordinárias proporções, sendo o nome de Salazar aclamadíssimo com toda a justiça.

Carne de porco

Entrámos na época do morticinio dos cevados, tendo-se na feira dos 13, na Vista Alegre, vendido muitos desses animais de vista baixa para casas particulares.

Tudo lembra no seu tempo...

A PESCA DO BACALHAU

é hoje a maior indústria de Aveiro

Com a entrada do *Infante de Sagres*, o último lugre da frota bacalhoeira da nossa praça, terminaram, por êste ano, os trabalhos da pesca do apreciável peixe aos quais se seguem os da séca, que põem a Gafánha em movimento e a animam pela vida que lhe imprime e os interêsses que advêm.

A indústria do bacalhau é hoje a maior, a mais próspera e florescente de Aveiro. Das 16 unidades que se deslocaram à Terra Nova e à Groëlândia—o *Silvina, Alcion, Cruz de Malta, Ilhavense II, Maria da Glória, Navegante II, Santa Mafalda, S. Jacinto, Infante de Sagres, Vaz, Rainha Santa, Senhora da Saúde, Normandie, Santa Isabel, Santa Regina* e *Santa Joana* — só a última deixou de vir por se ter afundado em virtude dum abalroamento, salvando-se, no entanto, a tripulação. De resto, todos os lugres chegaram carregados, excepto dois ou três, o que equivale a dizer que fizeram todos bôa safra, aproveitando com isso as emprezas, aquêles a quem elas distribuem trabalho — a região.

Para o ano vamos ter o primeiro barco a vapor, já encomendado, e outros mais nos consta serão adquiridos se o Govêrno, que também lucra com as prosperidades da pesca, não descurar as regalias indispensáveis aos que nela empregam os seus capitais, fomentando tão prometedora indústria.

A barra, a-pezar-da transformação por que passou com as obras nela executadas, ainda não fez com que êste ano se puzessem de parte os reboques para as saídas e entradas dos barcos. E isso é importante; e isso precisa de se conseguir pela economia que traz às emprêsas — àlém de facilitar a tarefa, a vida dos nossos marítimos.

Aguardêmos. Tenhâmos confiança. Que o Estado Novo não deixará de resolver com critério e altruismo todos os problemas de que dependa o progresso da Nação.

Coisas e tal...

São chegadas as chuvas e com elas as lamas das ruas da cidade.

Nada nos encomodaria o facto, se não tivessemos necessidade de palmilha-las de dia e de noite. As reparações que, por vezes, se teem feito com terra das valetas e pouco mais, não podem, é natural, dar-nos melhor piso. Mas... outro assunto da categoria das pequenas coisas: Há em bastantes prédios espalhados pela cidade, uma especie de caleiras, (ou goteiras, como queiram chamar-lhes) que são de respeito, e se não usamos de certa precaução quando chove, acontece-nos ficar com as algibeiras cheias de água!

E' mesmo assim. Há-as por aí mesmo na altura precisa para arrecadar a água nos bolsos descuidados. Ora, eu não entendo:

1.º— Porque razão se autorisou a fazerem os canos áquela altura?

2.º— Porque é que a Câmara Municipal, tendo intimado muitos proprietários a fazerem aqueles esgôtos por baixo dos passeios, não se cumpre, no geral, essa medida?

3.º— Porque se não obrigam todos a cumpri-la?

Sim: porque desgraçado do que, quando chova, tome a heróica resolução ir por um passeio. Da cinta para baixo fica encharcado completamente, porque em cima dêles é um perfeito rio.

A Câmara Municipal, já que iniciou, conclua, para bem de todos quantos são obrigados a trabalhar com todo o tempo. Se não intimou ainda todos os proprietários que nestas condições teem os seus prédios, intime-os quanto antes. Se todos fôram avisados, não consinta o desrespeito: obrigue a cumprir.

E', como vêem, obra de pouca monta, de simples expediente, mas que, uma vez feita, merece louvores.

Como está, não! Nada de leis de funil porque os municipes, (como os alunos nas escolas) são os grandes juizes.

Também muitos mais passeios podiam estar feitos em algumas ruas, o que seria uma grande comodidade e defeza para os peões; e não estão, por menos atenção para com estas pequenas coisas. Creio bem que os proprietários de bôa vontade auxiliariam com a maior parte da despeza. Mas nada; só se olham os grandes problemas que a falta de numerário dificulta e torna morosos.

Entendo que deve prestar-se mais carinho áqueles cujas condições consentem uma solução imediata e são de urgente necessidade.

As goteiras precisam recolher aos baixos dos passeios onde os há, e rentes ao chão onde os não há. Mas já, porque temos um inverno a passar e não será muito elegante andar a remos pela cidade e com as algibeiras transformadas em coadores de... água da chuva.

Aqui fica a lembrança e o pedido.

Ac.

Efemérides

16 de Novembro

1835 — Morre José Ferreira da Silva Barredo, um dos vultos mais proeminentes da revolução de 1820.

1907 — Augusto José da Cunha, figura de relêvo na monarquia, faz a sua profissão de fé republicana perante um redactor do diário *O Mundo*, causando a entrevista publicada a maior sensação

O "Aguila,,

=o=

Aquêle rebocador que há pouco deu à costa ao sul do farol da nossa barra já se acha na margem da ria aonde vai sofrer reparos para ser pôsto, em seguida, a navegar.

Êste, porém, não precisou que lhe abrissem um canal, como sucedeu com o *Desertas*: veio mesmo de carrinho!

Cá recebemos

Pessoa amiga, decerto, enviou-nos de Lisboa um *colega*, talvez dos mais chegados ao *vigilante das capoeiras de Cacia*, chamando a atenção para a local—*Muito bem* — que tracejou a lápis azul.

Agradecemos. E quanto ao trôco ficará guardado para quando se oferecer melhor ocasião...

Não perde com a demora...

Nova valsa

—o—

Romance duma Rapariga Loura é o nome da 7.ª valsa do inspirado compositor dêste género de música, sr. Nóbrega e Sousa, com poesia de Afonso Romano e que ambos dedicam ao tenor português Morgado Maurício.

Agradecendo a oferta, felicitâmos mais uma vez Nóbrega e Sousa, por, a-pesar-de novo, já se ter evidenciado tanto na divina arte, escrevendo e publicando admiráveis trechos.

O que é verdade em toda a parte

O jornal suiço, *Ordre Professionnel*, iniciou, sob o título acima, a publicação duma série de pensamentos políticos e doutrinários, de merecido relêvo, devidamente comentados. Os primeiros são constituidos por citações de frases do sr. doutor Oliveira Salazar, *o homem que* (diz o referido jornal) *realizou o Corporativismo em Portugal.*

O papel do Estado

O Estado tem o direito de promover, harmonizar e fiscalizar tôdas as actividades nacionais, sem substituir-se-lhes.

O. Salazar

«É dentro dêste espírito que nós devemos encarar a futura legislação corporativa suiça. A Corporação não deve ser um instrumento nas mãos do Estado. Pelo contrário: deve substituí-lo no seu verdadeiro papel, que é arbitrar e federar tôdas as fôrças nacionais para as obrigar a concorrer para o bem comum. Nunca será bastante repetir, que o Estado não poderia ser um bom comerciante ou um bom productor, mas que êle deve permanecer acima das diversas influências que fazem concorrência entre si, a-fim-de as impedir de se entregarem a uma guerra ruinosa para todos.

Para realizar a Corporação

Logo que se fala de Corporação, os hesitantes e os céticos põem em movimento um aparelho completo de argumentos destrutivos. Eles procuram fazer realçar as fraquezas do corporativismo, deixando na sombra as suas inumeráveis e riais vantagens. Submetemos à sua meditação estas poucas linhas:

Tenho notado que as dúvidas levantadas acêrca da possibilidade duma vida constitucional sem partidos politicos, provêm principalmente da dificuldade em que os hábitos adquiridos nos puseram de compreender que uma máquina funcione diferentemente do modo como durante mais de um século foi vista funcionar.

O. Salazar

Sem dúvida que a fôrça do hábito entra em linha de conta. Mas também o receio, consciente ou não, que experimenta o maior número, quando se trata de passar aos actos. Receio duma mudança, seja ela qual for; receio do esfôrço necessário para cumprir essa mudança; receio, enfim, de ver dissiparem-se essas pequenas vantagens do regime, que já não são legítimas, porque nasceram do abuso de liberdade.

Essa atitude é puramente negativa. Não poderia, por conseguinte, conduzir a qualquer progresso. Não será possivel construir uma ordem social mais justa e mais estável, do que inspirando-se nesta forte verdade que Salazar exprime duma maneira empolgante:

Temos de atingir como fôr possível êste dualismo difícil—estudar com dúvida e realizar com fé.

Actualmente, o período de estudo terminou. Devemos lançar-nos na acção corporativa com entusiasmo.

A pequena diferença

Outra observação de Salazar, que despertou a nossa atenção:

Os homens podem unir-se todos em volta de interêsses colectivos; em tôrno de interêsses individuais não podem unir-se senão alguns à exclusão de outros.

É a diferença completa entre um regime corporativo que reune os homens em tôrno dos seus interêsses profissionais comuns e um regime liberal que só toma em consideração os interêsses pessoais.

No primeiro caso, é a paz social e económica assegurada pela colaboração de todos. Na segunda eventualidade é a guerra, a mais terrível de tôdas, embora pouco mortífera na aparência e da qual o público não pode ver todos os males, mesmo que lhes suspeite a existência.»

IMPRENSA

«LABOR»

Está publicado o número dêste mês, que é o 67, contendo preciosa colaboração, o que muito honra a revista de ensino secundário da nossa terra, dirigida pelos srs. drs. José Tavares e Álvaro Sampaio.

Recomendâmo-la, como sempre, ao professorado.

O S. Martinho

=o=

Decorreu pacatamente a passagem do seu dia, out'rora tão festejado e ruïdoso talvez por ser em grande quantidade o número de devotos. Só na Beira-Mar e devido à falta de licença para a realização do *culto externo* é que a polícia resolveu intervir, prendendo alguns *mordomos*, inclusivé o da campaínha, que era, afinal, o que fazia mais barulho.

Emquanto as ideias andarem separadas e não se chegar a acôrdo sôbre a função exercida pelo vinho no tèclado da alegria, é isto...

Sobre trigo

A imprensa diária publicou ontem uma nota oficiosa do sr. Ministro da Agricultura ácerca do excesso da produção de trigo, que deve ser lida e ponderada pela lavoura antes de proceder á sua sementeira. Recomendamo-la, por isso, aos interessados em virtude de a não podermos inserir.

A nota termina assim:

Se a lavoura não colabora com o Estado, **reduzindo as sementeiras,** *cava a sua própria ruina e póde gerar prejuizos irreparáveis.*

Assistência a desempregados

—o—

No 2.º trimestre de 1934 o Comissariado do Desemprego iniciou uma obra de assistência aos desempregados indigentes. Essa função estava prevista na criação do Fundo do Desemprego, de cujas receitas se destinavam 5 % para êste fim de assistência.

Deveria êste fundo especial ser também alimentado por donativos de particulares, mas a-pesar-do apêlo feito no I Congresso da União Nacional não consta que iniciativas desta ordem tenham sido tomadas. Isto não quere dizer que, em absoluto, os particulares tenham descurado a obrigação moral e social de socorrer os necessitados. Algumas instituições de caridade existem que vêm em auxílio dos que se encontram na angustiosa situação de não terem trabalho. Mas essa assistência, dispersa a desordenada, não constitui um plano de ataque que seria preciso contra êsse mal social que, infelizmente, ainda existe, posto que sem a virulencia que se verifica noutros países.

A' actividade do Comissariado temos de nos referir, apenas, por faltarem elementos estatísticos da acção meramente privada.

Estabeleceu-se, e muito bem, que o combate ao desemprego se não faria por meio de subsídios, que alimentariam a ociosidade e constituiriam um valôr anti-económico.

Pode dividir-se a acção do Estado nesta matéria em dois termos: primeiro, o restabelecimento da ordem financeira e administrativa tornou possível a execução de trabalhos públicos em larga escala e ao mesmo tempo o incremento das actividades económicas; segundo, a criação do Fundo do Desemprego, com o qual puderam ser auxiliados, em comparticipação, muitos trabalhos de interêsse local, empregando milhares de braços, e ainda colocar em serviços administrativos grande parte da categoria de desempregados inaptos para o trabalho muscular.

Ficaria necessàriamente um número de indivíduos sem trabalho, no qual têm de compreender-se aqueles que, por insuficiência pessoal, até mesmo em tempos normais, se encontram nessa situação.

Espera-se das soluções corporativas o remédio eficaz para a regularização dos empregos e das profissões. E' trabalho lento que exige ciência e boa vontade.

A previdência, inexistente no nosso país, a-pesar-de se ter criado um espectaculoso Instituto de Seguros Sociais, só agora, mercê da organização corporativa, pôde começar a ser ordenada. Mas se representa uma solução futura não é apta para resolver a crise do momento.

E' dever de humanidade socorrer os necessitados e esta consideração sobrepõe-se a todas as teorias.

Bem fez, assim, o Comissariado instituindo um serviço de refeições distribuídas gratuitamente aos desempregados totalmente privados de recursos.

Até 31 de Março do corrente ano funcionava êste serviço nos concelhos de Braga, Espozende, Guimarães, Bragança, Coimbra, Faro, Nazaré, Lisboa, Porto, Sezimbra e Viana do Castelo.

O número total de refeições distribuidas atingia 1.637.063, além de 2.750 rasas de milho distribuidas nos concelhos de Braga e Espozende.

No último mês (Março) a distribuição foi de 166.793 refeições e 335 rasas de milho, beneficiando 3809 indivíduos, havendo inscritos para êsse efeito mais 3.218.

A verba dispendida atinge 1.713.959$34, cabendo 815.346$94 a Lisboa e 605.000$00 ao Porto.

Outra modalidade de assistência exercida pelo Comissariado consiste no fornecimento de vestuário e calçado, com o que até Março último haviam sido dispendidos 77.192.62.

A execução destas obras é feita por desempregados das respectivas profissões.

Pelo mesmo Fundo são ainda subsidiados inválidos.

Atinge o número de 1401 os beneficiados, somando a importância dispendida 794.699$40.

Aguardando subsidio havia inscritos 2.210.

O movimento dos mêses seguintes deve ter alargado intensivamente esta obra de assistencia. Para ela se chama a atenção do público, como incitamento para que, com a sua generosidade e cumprimento de um dever social, concorra para o seu desenvolvimento.

Vêr a 4.ª página

Secção desportiva

Foot-Ball

Galitos 2--Paços Brandão 1

Para o campeonato do distrito alinharam, domingo, no Estádio Municipal, êstes dois grupos, cabendo a vitória ao *team* local por 2-1.

O jôgo decorreu insípido, tendo feito melhor exibição a *équipe* visitante.

Dos *Galitos* os melhores fôram Franco (guarda-rêdes), Belmiro e Loura, tendo marcado as bolas Pedro e Feijão.

A arbitragem não agradou.

Estrela F. Club 4--Beira-Mar 1

Não tendo conseguido entrar para a Divisão de Honra a-pezar-dos esforços empregados pelos seus dirigentes, o *Sport Club Beira-Mar* viu-se obrigado a inscrever-se na segunda divisão do campeonato do distrito, organizado pela A. F. A., com séde e secretaria em Ovar, tendo-se no mesmo dia deslocado àquela vila onde se defrontou com a *Estrela Foot-Ball Club*, que venceu aquêle pelo *score* de 4-1.

Êste resultado, não sendo para desanimar nem para esmorecer, deixou, contudo, estupefactos quantos haviam depositado as suas esperanças no *team* do bairro piscatório, causando, ao mesmo tempo, certa sensação nos centros de cavaco em virtude do procedimento de alguns *desportistas*, que não se cansam em hostilizar e depreciar o jôgo duma outra *équipe* aveirense, que, diga-se em abono da verdade, se encontra desmantelada.

Mas como *a vingança é o prazer dos deuses*, o desaire que agora sofreu o *Beira-Mar* tem servido de pretexto para que os outros, *ao cantar do galo*, exteriorisem a sua satisfação.

As bolas fôram todas marcadas na primeira parte, tendo sido autor da do *Beira-Mar*, Rocha e Cunha.

* * *

Em reservas, os aveirenses conseguiram um resultado honroso—9-0—deixando o primeiro grupo a perder de vista. A sua exibição agradou plenamente, tendo a assistência admirado as suas jogadas de melhor efeito.

Só José Laranjeira, à sua parte, marcou cinco bolas, tendo sido um dos melhores elementos em campo.

* * *

Para àmanhã estão marcados os seguintes encontros da Divisão de Honra: *Galitos-A. D. Sanjoanense*, em Aveiro; *A. D. Oliveirense-A. D. Ovarenee*, em O. de Azemeis e *P. Brandão-S. C. de Espinho*, em Paços Brandão.

* * *

Também àmanhã se deslocam á *Vila da Feira* as duas categorias do *Beira-Mar*, que se defrontarão com o *Desportivo Feirense*.

É para o campeonato da segunda divisão.

A.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Ilda Simões Canha, filha do sr. Manuel Ferreira Canha, professor em S. Bernardo e o sr. Alberto de Oliveira Carvalho, gerente da filial da Companhia Industrial de Portugal e Colónias; àmanhã, a sr.ª D. Clotilde Correia da Silva, esposa do sr. tenente Augusto Natividade e Silva e o nosso amigo Adelino A. Soares Leite, funcionário da Divisão Hidráulica do Mondego; no dia 19, a interessante tricaninha Maria de Lourdes Carvalho e o sr. José Maria dos Santos Carvalho, residente em Lisboa; em 20, as sr.as D. Maria Augusta Rangel de Quadros Oudinot Almeida e D. Maria da Conceição de Oliveira Rodrigues, esposas, respectivamente, dos srs. Francisco Pinto de Almeida e Luís Manuel Rodrigues, e o sr. João Baptista do Amaral Brites, furriel de Infantaria 19; em 21, o sr. Manuel Dilalma Graça e a inocente Fernandinha, filha da sr.ª D. Ester de Rezende Godinho, professora oficial e em 22, o sr. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal.

Casamentos

Em Ílhavo consorciou-se na quinta-feira da semana passada a sr.ª D. Silvina Gomes da Cunha, empregada na Estação Telégrafo-Postal daquela vila, com o sr. Manuel Razollo Sacramento, funcionário das O. Públicas dêste distrito.

Manuel Sacramento a quem os invernos não tem conseguido envelhecer, pertence àquela falange de rapazes de espírito sempre moço, sendo por isso considerado, e com justa razão, o decano da mocidade ilhavense.

Que a felicidade bafeje sempre o novo lar que acaba de se constituir, é o que estimâmos.

Partidas e Chegadas

Por complicações surgidas à última hora, deixou de seguir viagem para o Rio de Janeiro, como tencionava, o nosso amigo Ramiro Dias, que se encontra de novo em Aveiro.

Doentes

Agravaram-se os padecimentos do sr. Antonio Augusto da Silva, cujo estado inspira sérios cuidados. Sentimos.

Livros

Primorosamente editados pela União Nacional recebemos, de Lisboa, os discursos pronunciados na Covilhã e em Santo Tirso, no mês de julho do corrente ano, pelos srs. dr. Carneiro Pacheco e engenheiro Nobre Guedes e que se intitulam, respectivamente, *O Retrato do Chefe* e *Revolução Moral*.

Qualquer dêles se impõe e por isso recomendâmos a sua leitura.

O mar em Espinho

=o=

Esta semana as aguas revoltas do Oceano voltaram a fazer das suas, investindo furiosamente contra a esplanada da linda praia, que ficou destruida em parte, e invadindo varias ruas cujos prédios estão sèriamente ameaçados.

Já o esperavamos.

E' que, há pouco, quando foi da destruição da casa dos Socorros a Naufragos, vimos que o mar também já galgava a escadaria do ponto mais central da magnífica obra de embelesamento, não sendo, portanto, difícil profetisar o que viria a acontecer.

E' pena! Tanto dinheiro gasto e inutilisar-se, assim, dum momento para o outro, a explendida muralha que tanto realce dava a Espinho, é pena!

Mas se tudo, até o afastado largo da feira, como dizem velhos pescadores, já foi mar, porque não ha-de o mar, passando por cima de todos os obstaculos, voltar ao seu antigo leito?

Eis a questão. Diante da qual talvez não seja fácil, á engenharia hidraulica, opôr-se ao avanço das águas, evitando o cataclismo.

Infeliz praia!

Mais uma escola

Com a assistencia dos srs. major Gaspar Ferreira, governador civil; capitão Quina Domingues, comandante da polícia; dr. Querubim Guimarães, da União Nacional; dr. Lourenço Peixinho, presidente da Camara; Raul Leite, inspector escolar; dr. Antonio Peixinho, dr. Eduardo Souto e muito pouvo, procedeu-se, no domingo, á inauguração do novo edificio escolar de Eirol que fica situado num optimo local.

Presidiu o chefe do distrito, que aproveitou o ensejo para se referir á obra de ressurgimento nacional que vem realisando o governo da presidencia do sr. doutor Oliveira Salazar, falando em seguida os srs. professor Severiano Ferreira Neves, o rev.º Manuel da Cruz, Vicente Rodrigues da Cruz, Raul Martins Leite, dr. Querubim Guimarães e dr. Lourenço Peixinho.

Antes de encerrar a sessão o sr. governador civil falou de novo sobre a politica do Estado Novo, vincando as figuras de Salazar e do general Carmona e agradecendo, tambem, ao povo, á Junta de Freguesia e á Camara o concurso prestado para levantar-se o novo edificio.

Foram em seguida aclamados os nomes dos srs. presidentes da República e do Conselho, ministro das Obras Públicas, etc.

Aos convidados foi oferecido pelo sr. Vicente Cruz, na sua vivenda, um delicado *copo de água*, trocando-se, nessa altura, afectuosos brindes.

A nova escola continuará sob a regencia da sr.ª D. Carmen de Seabra F. Neves, que já há anos ali exerce o magistério primário.

O tabaco e os menores

—o—

Entre as muitas coisas impróprias que nos deparam as ruas das terras portuguêsas, figura a do uso do tabaco pelas crianças. Menores de 6 a 7 anos julgam-se já no direito de imitar os adultos, passando por nós de cigarro na bôca, muito orgulhosos, convencidos de que representam assim um lindo papel e que, seguindo os exemplos dados por seus pais e, em geral, pelos adultos com quem privam, manifestam uma acção respeitável e invejável.

A deficiência da nossa educação cívica e o desprezo a que, pelo comum, os portuguêses votam os assuntos de ordem educacional e profilática, permite (quando não aplaude) êsses anacronismos, sem pensarem que com essa permissão e êsse aplauso contribuem para que se gere e se perpetue a onda da indisciplina e da degenerescência física.

Bell Tayler, médico inglês, especialista em doenças oculares, declarou que todo o homem fumando quinze gramas de tabaco por dia, quantidade não muito avantajada, contribue poderosamente para a perda da vista. E como achasse pouco, o mesmo sábio pôs o aumento do cancro á conta do uso do tabaco. Reportando-se ao influxo do cigarro e mais fumestíveis na génese das afecções cancerosas, elucida: «o fumar destrói o epitélio da língua e produz psearisis que pódem dar lugar ao cancro.»

Usado pelas crianças, o tabaco origina o ponto máximo do prejuizo e assume um carácter gravíssimo, quer sob o aspecto intelectual, quer sob o aspecto moral e físico. Já Napoleão III vira êsse perigo mandando examinar os rapazes das escolas governamentais, verificando-se que os fumadores eram tão *inferiores em corpo*, inteligência e moralidade, que o uso do tabaco *foi rigorosamente proibido em todas as escolas*.

O dr. Hyde diz: «Os que fumam muito são sempre fracos estudantes».

Por seu turno, o sábio dr. Irumbull, concluiu das suas numerosas experiências que o fumar atraza o crescimento e afecta a saúde. Declarou que esta circunstância é do mais alto valor no sentido da formação do caráct r. Falando dos estudantes, afirma: «Mais de 60 % dos que não conseguem colocação por motivo de inferioridade nos estudos, *são fumadores*».

O resultado a que chegou outro médico não menos eminente, o dr. Luigi Ferriani, confirma as afirmativas acima. Cinco professores de ensino elementar auxiliaram um inquérito, cujas conclusões fôram: em 350 crianças, cuja idade variáva entre 7 e 12 anos, pertencentes a todas as classes sociais, os fumadores eram 54 %! E muitos dêles fumavam tabaco Virgínia em cachimbo! Afirmaram os professores que os pequenos fumadores são os alunos mais preguiçosos e mais indisciplinados. Distinguem-se por irrequietismo, o que denuncia um sistema nervoso excitado. Nas suas faces pálidas revelam-se claramente os terriveis efeitos da nicotina.

(*Da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*)

Correspondencias

Eixo, 4

Na Universidade do Pôrto concluiu a sua formatura em medicina o sr. dr. José Cruz Marques da Graça, filho do abastado proprietário sr. José Marques da Graça, do visinho lugar de Azurva, onde ontem foi recebido festivamente pelos seus amigos e conterrâneos, com música, flôres e muito fogo.

Acompanharam-no desde aquela cidade sua esposa a sr.ª D. Rosa Libório de Melo, e, além de outros, o sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães e sua esposa sr.ª D. Alice Vidal de Magalhães. Ao princípio do lugar, um selecto rancho de raparigas cobriram-no de flôres. Em seguida formou-se um cortejo que o acompanhou até casa dos pais donde agradeceu a manifestação de amisade recebida. Também usou da palavra o seu dedicado amigo e parente, sr. Manuel Marques Ribeiro, que, participando da alegria da família Marques da Graça, saúdou o novo médico.

Associamo-nos à manifestação, desejando-lhe muitas venturas.

— Com 23 anos, apenas, faleceu de tuberculose, a desditosa Maria Dias da Costa, filha de João Onofre Ferreira da Costa, também já no outro mundo. O seu funeral, pela grande concorrência de gente de todas as categorias, foi uma bem sentida manifestação de pezar.

C.

Idem, 10

De ontem para hoje houve um verdadeiro morticínio de crianças de 12 a 15 mêses, tendo falecido nada menos de quatro, duas vitimadas pela difteria, uma pela meningite e outra de bronco-pneumonia.

—Também no monte de Eirol apareceu morta Maria da Costa Martins, divorciada, de 73 anos, natural do lugar de Carcavelos.

A infeliz sofria de perturbações mentais.

— Concluiu a sua formatura em medicina com a alta classificação de 19 valores o sr. dr. Jorge de Melo Rego, filho do ilustre eixense, nosso amigo, sr. dr. Orlando de Melo Rego, advogado na capital.

Um abraço de parabens.

—Adoeceram a sr.ª D. Amélia dos Reis e Lima e os srs. Elias Ferreira e Mário dos Anjos Mascarenhas.

C.

Esgueira, 13

Vitimado por uma grave enfermidade faleceu a semana passada, com 35 anos de idade, o sr. Mário de Oliveira Azevedo, que aqui dirigiu e ensaiou o grupo cénico *Os Unidinhos*, sendo considerado um elemento de valor na arte de representar.

Deixou viúva e três filhinhos menores, tendo-o acompanhado à última morada numerosas pessoas. Da chave da urna foi portador o sr. engenheiro Moniz de Freitas.

Aos doridos, as nossas condolências.

—Recolheu à casa, com a saúde abalada, o nosso amigo sr. Carlos Vieira Tavares, funcionário dos correios e telégrafos.

—Deve realizar-se no dia 1.º de dezembro o *I Cross ciclo-pedestre de Aveiro*, organisado pelo *Recreio Musical*, que conta com bastantes inscrições.

C.

Oliveirinha, 14

Por ser a terra da sua naturalidade e também devido às simpatias que gosa em toda a freguesia, foi aqui recebida com a maior satisfação a notícia de ter sido nomeado juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, o sr. dr. Arnaldo de Almeida Vidal, irmão de nosso conterrâneo ilustre, o sr. dr. Carlos Vidal, médico municipal com residência na Costa do Valado.

As nossas felicitações ao íntegro magistrado.

C.

Êste número foi visado pela Censura

Câmara Municipal de Aveiro

Serviços Municipalizados

Electricidade

Anúncio

Faz-se público que êstes Serviços recebem propostas, em carta fechada e lacrada, até às 14 horas do dia 12 de Dezembro próximo futuro, para o fornecimento de materiais, incluindo colunas de ferro, para a iluminação eléctrica da Avenida Central, desta cidade, e para a respectiva montagem.

As condições do concurso e respectivo caderno de encargos acham-se patentes todos os dias úteis, das 11 ás 16 horas, na Secretaria dos mesmos Serviços.

Aveiro, 13 de Novembro de 1935.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Lourenço Simões Peixinho

Comarca de Aveiro

=o=

Éditos de 10 dias

1.ª publicação

Por este Juizo de Direito da segunda Vara e cartório do escrivão que este subscreve, correm éditos de 10 dias a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores com créditos verificados, Armando Ferreira dos Santos, casado, negociante, de Requeixo; Joana da Conceição Vidal, separada judicialmente, de Requeixo; João Ferreira da Cruz, casado, proprietário, de São Bernardo; Ana d'Oliveira Melo, viuva, doméstica, de São João de Loure, comarca de Albergaria; Rosa Marques d'Oliveira, solteira, serviçal, rezidente em Lisboa, Rua Campo de Ourique, n.º 164, 3.º; João Gomes Canelas, solteiro, proprietário, de Eixo; Manuel Gonçalves da Costa e Silva, casado, proprietário, de Aveiro; Evaristo Rodrigues Anileiro, casado, lavrador, de Eixo; Alfredo da Costa, casado, lavrador, de Azurva; Joaquim Pereira da Conceição, casado, proprietário, de Cabanões, comarca de Agueda; Manuel Lopes Melquim, casado, proprietário, de Eixo; João Ferreira, casado, proprietário, de Aveiro; António Nunes Coelho, casado, lavrador, do Bonsucesso; Abel dos Santos Barreto, casado, proprietário, da Quinta do Picado e Manuel Mateus Farto, casado, comerciante, de Esgueira, para no prazo de 20 dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, a acção ordinária comercial em que é autor José Francisco Ponte, casado, proprietário e négociante, de Requeixo, e réus aqueles e António Ferreira, casado, comerciante, de Aveiro, administrador da massa falida do insolvente José Fernandes de Jesus, que foi de Eixo, tudo de harmonia com a petição da aludida acção, sendo advertidos de que a falta de oposição importa a confissão dos factos alegados pelo autor.

Aveiro, 4 de Novembro de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª secção da 2.ª Vara,

João Antonio de Morais Sarmento

A fechar

— Dizes que tens êsse chapeu há dois anos?
— E' verdade.
— Está muito bem conservado!
— E' que o mandei limpar por três vezes; além disso escovo-o sempre cuidadòsamente e a semana passada troquei-o num restaurante por outro completamente novo.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

1.ª publicação

No dia 24 do corrente, mez de Novembro, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e sêlos em que é exequente o Magistrado do Ministério Público nesta comarca, e executado António Próspero Casqueira, casado, marítimo, da Gafanha da Nazaré, se ha-de proceder á arrematação em hasta pública, a-fim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, acima da sua respectiva avaliação, o seguinte prédio:

Uma casa de habitação, com quintal e mais pertenças, situada no lugar do Bebedouro, freguesia da Gafanha da Nazaré, avaliada na quantia 3:000$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e uzarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 4 de Novembro de 1935.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 2.ª Vara
Melo Freitas
O Chefe da 2.ª secção da 2.ª Vara,
João Antonio de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

1.ª publicação

No dia 24 do corrente mês de Novembro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na Execução por custas e selos em que é exequente o Magistrado do Ministério Público nesta comarca e executados Silvério Fernandes Sardo e mulher Rosa Marques da Silva, agricultores, da Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, se ha-de proceder á arrematação em hasta pública, a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer, acima da sua respectiva avaliação, o seguinte prédio:

Uma terra lavradia, sita no logar da Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, avaliada na quantia de 80$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 2 de Novembro de 1935.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 2.ª Vara,
Melo Freitas
O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara.
João Antonio de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

1.ª Vara

—o—

Arrematação

—o—

1.ª publicação

No dia 24 de Novembro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na carta precatória para nomeação de louvados, avaliação e arrematação de bens, vinda da 6.ª Vara da comarca do Pôrto, e extraída da execução por custas e sêlos em que são exeqüente o Ministério Público e executada Maria Joana de Jesus, negociante, viúva de Manuel Rodrigues Vieira, moradora na Estrada de São Bernardo, freguesia da Glória, da cidade de Aveiro, se há-de proceder á arrematação, em hasta pública, a-fim-de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, dos seguintes bens:

Metade de uma terra lavradía, denominada *Caseiro de Baixo*, sita na Bregeira, limite de Vilar, freguesia da Glória, avaliada em 1.500$00;

Metade de uma terra lavradia, com suas pertenças, denominada o *Liberal*, sita no lugar do Cabeço Negro, limite de S. Bernardo, freguesia da Glória, avaliada em 3,000 escudos.

Por êste meio são citados quaisquer crèdores incertos, para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, e designadamente os herdeiros dos falecidos credores inscritos: Tereza de Oliveira Morais e Manuel Gonçalves da Costa e Silva, moradores que fôram nesta comarca.

Aveiro, 30 de Outubro de 1935.

Verifiquei.
O Juiz de Direito
Correia Marques
O Chefe da 2.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo